
BRASIL COLONIAL: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES NA CARTA DO JESUÍTA LUÍS RODRIGUES

Silas Gutierrez¹

Mestre e Doutor em Língua Portuguesa pela PUC/SP

RESUMO

Este artigo analisa a carta do jesuíta Luís Rodrigues escrita em março de 1563, na Capitania de Ilhéus, e direcionada ao provincial de Portugal Gonçalo Vaz, ambos, membros da Companhia de Jesus: ordem religiosa de cunho ideológico, político e militar. A pesquisa mostra como emergem da carta valores que justificam sua presença na recuperação das almas daquela aldeia e como reforçam seu modelo de conduta a ser seguido por um povo pagão e sem direcionamento espiritual. Durante o trabalho, constata-se também, a função/posição do autor e sua representação que envolve o imaginário cristão do século XVI. Para isso, utilizaram-se os trabalhos do Círculo Bakhtiniano (1975, 1997, 2001, 2003) como suporte para análise.

Palavras-chave: Bakhtin. Jesuíta. Autor.

Considerações iniciais

Neste trabalho, investigaremos a posição axiológica de um jesuíta português diante de sua atividade descritiva sobre uma viagem missionária na Capitania de Ilhéus. Analisaremos como suas escolhas lexicais, expressões e construções frasais redirecionam o leitor para valores, ideias e crenças próprias do homem do século XVI, instaurando, na carta, uma realidade linguístico-social frente ao Brasil-Colônia.

Dessa forma, iniciaremos nosso artigo com a contextualização que mostra como esta pesquisa enxerga o século XVI e de que forma concebe o gênero carta no período em estudo. Trataremos o aporte teórico de forma didática a fim de demonstrarmos a forma de aplicar os estudos bakhtinianos em nosso *corpus* de pesquisa. Por fim, realizaremos a análise de fragmentos da carta, confirmando nossas hipóteses formuladas durante o texto.

Contextualização situacional da carta

Era prática comum no Brasil Colonial solicitar a um estranho abrigo para pernoitar. A casa no final do século XVI era formada por uma sala e um dormitório. A cozinha era construída fora da casa, por ser um espaço asqueroso, em que dejetos de animais, cascas de frutas e brasas

¹ silas.gutierrez@fatec.sp.gov.br

de lenha e carvão exalavam forte odor. O viajante² dormia em redes penduradas na varanda ou na sala, alimentava-se e conversava com os membros da casa sob a luz fraca de uma luminária.

As grandes distâncias entre as Capitânicas, o desconhecimento e os riscos das estradas faziam com que os viajantes solicitassem hospedagem. Para os colonos, a prática de agasalhar os viajantes era muitas vezes a única forma de contato com outras pessoas que não eram da colônia e de saber notícias do mundo.

Com essas condições, a vida social noturna na colônia era quase inexistente. Constatamos, em alguns inventários³ do final do século XVI, a presença de baralhos, tabuleiros de xadrez e gamão como prática de sociabilidade noturna entre homens. Observamos⁴ a ausência de reuniões sociais direcionadas a mulheres no conjunto dos inventários e documentos. Sabe-se que a leitura em voz alta como forma de reunião familiar surge apenas no início do século XIX.

As mudanças nos padrões de sociabilidade no período noturno apareceram a partir do final do século XVIII com as transformações do sistema de iluminação nas ruas e o surgimento dos centros urbanos com atividades artísticas como teatros, óperas e cafés.

Tornou-se um hábito frequente na colônia a visita entre mulheres durante o período vespertino. Não havendo necessidade de serem anunciadas ou previamente agendadas, as mulheres, sozinhas ou com seus familiares, adentravam as casas⁵. No Brasil quinhentista, as visitas entre famílias, em particular das mulheres, caracterizam a restrita vida social da colônia. Leila Mezan Algranti faz uma importante descrição das vilas no século XVI.

[...] pautada por um mundo em que todos se conhecem, todos sabem quem é escravo de quem, as casas não têm número, as ruas sem nome, muros baixos entre as casas ou inexistentes (ALGRANTI, 1997, p.152).

A forma e o costume de receber visitas na colônia quinhentista foram aos poucos indianizando-se, já que utensílios domésticos tipicamente europeus, como toalhas, taças, xícaras sofriam o atraso das frotas. A influência das índias para a sobrevivência das famílias europeias colaborou para adaptação e organização doméstica.

Com esse olhar, analisaremos a configuração discursiva de uma carta escrita em 1563 como materialidade significativa, resultando modos de compreensão. O sentido reside nas

² O termo viajante é empregado para designar não apenas o jesuíta, mas estrangeiros, índios, colonos dentre outros.

³ Inventários e testamentos de São Paulo. Publicação oficial do arquivo de São Paulo, cx.6, ordem 604.

⁴ Arquivo da Cúria de Salvador.

⁵ Vale ressaltar que essa prática facilitou as entrevistas inquisitoriais, uma vez que não havia regras de conduta de privacidade e intimidade na colônia.

lacunas do texto, de forma sutil; o produtor e seu receptor, juntos, preenchem-nas, e esse processo gera a interpretação. Parece-nos que o pensamento de Michel de Certeau (2001) vem ao encontro dessas noções:

[...] mostrou-se que toda interpretação histórica depende de um sistema de referências; que esse sistema permanece uma filosofia implícita particular; que infiltrando-se no trabalho de análise, organizando-o à sua revelia, remete à subjetividade do autor (CERTEAU, 2001, p.48).

Assim sendo, do ponto de vista discursivo, a história, primeiramente, é produzida pela linguagem, por ângulos valorativos, tonalidades semânticas: um conjunto de formações verbo-axiológicas. História, neste trabalho, não é um reflexo objetivo da realidade, mas enunciados que se contrapõe e se acolhem numa dada situação.

Notas informativas sobre o *corpus*

A principal obra referencial que trata toda a trajetória da Companhia de Jesus, doravante C.J., é a do jesuíta Serafim Leite intitulada *A História da Companhia de Jesus*, publicada em oito extensos volumes.

A escrita de Serafim Leite exalta, em tom afetivo, o sucesso dos missionários. Notam-se emoção e orgulho do jesuíta pela Companhia de Jesus, por meio da escolha das palavras, da seleção dos exemplos e o excesso de adjetivos para enaltecer a descrição, em detalhes, de cada episódio.

Diferentemente da ordem monacal, em que os monges objetivam a salvação das próprias almas pelo enclausuramento, tendo como exercício principal a contemplação, a essência da Companhia de Jesus é o expansionismo missionário, destacando-se pelo intenso esforço em salvar almas em qualquer lugar do mundo, enfrentando de forma militar ou política qualquer objeção que impeça o trabalho de ocupar-se pela perfeição do próximo, caracterizando-se pela mobilidade apostólica, trabalho social e educacional. A C.J. foi criada em diálogo com as ideias do Concílio de Trento⁶ no contexto da Reforma. De acordo com José Eisenberg,

[...] a implantação da reforma⁷ possibilitou a aparição de uma nova geração de padres jesuítas, cujos interesses não eram mais orientados pelos velhos ideais missionários que inspiraram Nóbrega e os primeiros irmãos do Brasil. Os

⁶ Embora o historiador religioso John O' Malley, em seu livro *The First Jesuits*, publicado no ano de 1993, em Cambridge, negue esta afirmação e afirme que os termos Movimento Reformista e Reforma não constam dos documentos oficiais da Companhia de Jesus.

⁷ Refere-se à Contrarreforma, especificamente ao Concílio de Trento em 1545.

jovens jesuítas se mostravam mais interessados pela crescente atividade educacional nas escolas jesuíticas juntos às comunidades de cristãos que habitavam as cidades coloniais (EISENBERG, 2000, p.126).

Embora os missionários estivessem espalhados pela América, África e Oriente, o controle de suas atividades era impecavelmente acompanhado pela Ordem. O Superior Geral, cargo máximo dentro da Companhia, planejava inspeções *in loco* para verificar o andamento das missões. Para tanto, designava um Padre Visitador, cargo de caráter provisório, para realização da visitação. É importante ressaltar que havia um extenso regulamento para o Visitador observar, recomendar ou exigir, finalizado por um relatório ou carta. Além disso, tinha poderes excedentes a qualquer autoridade jesuítica da província⁸.

O cargo de Secretário da Ordem detém o papel de conselheiro do Superior e compõe a Congregação Geral⁹, atribuindo graus e cargos aos jesuítas, estabelecendo normas e emitindo avaliações. O cargo de Provincial¹⁰ é exercido por aquele que governa todas as residências e colégios de uma Província. O Superior Local administra as casas, e o Reitor, os colégios. As relações entre os membros da C.J. eram rigorosamente monitoradas por cartas. Sobre isso, Livia Pedro (2008) acrescenta:

Para que as notícias da Companhia cheguem a todos os membros da ordem, os subordinados das diversas casas ou colégios de cada província devem escrever, a cada quatro meses, uma carta edificante em língua vernácula e outra igual em latim. Essas duas cartas devem ser enviadas em duplicata ao Provincial. Este mandará ao Geral um dos exemplares em vernáculo e outro em latim, juntando uma carta sua para contar fatos edificantes omitidas nas primeiras. E produzirá quantas cópias das cartas forem necessárias para dar conhecimento delas aos outros membros da Província. O Geral, por sua vez, deve providenciar cópias suficientes das cartas recebidas para serem enviadas a todos os outros Provinciais; e estes, mandarão fazer cópias para os membros da sua província (PEDRO, 2008, p.123).

A C.J. elaborou um sistema de controle em relação às atividades jesuíticas. Mesmo distante de Roma, com a expansão¹¹ do missionarismo, os padres deveriam cumprir com *a obediência*, atributo essencial para admissão na Ordem. A palavra obediência tem um sentido próprio dentro da Ordem Jesuítica. Para Célio Juvenal Costa (2003),

⁸ Província é o termo empregado pela Companhia de Jesus para designar uma região zelada por ela. Não se trata de um termo político.

⁹ A Congregação Geral é o supremo poder legislativo da Companhia.

¹⁰ Nóbrega ocupou o cargo de Provincial em 1553.

¹¹ No final do século XVI, havia 13000 jesuítas, 372 colégios e 110 casas espalhados pelo mundo.

[...] obedecer entre os jesuítas não era o mesmo que obedecer entre os militares; é a mortificação da vontade própria e individual. A obediência inaciana era garantida pela longa formação intelectual, moral e espiritual durante a formação do futuro jesuíta (COSTA, 2003, p.1).

Vale ressaltar que, em 1560, os jesuítas solidificaram seus postos de conselheiros na Cúria Romana do Papa Pio V. Logo, obtiveram a permissão de exercer seus poderes na colônia, criando uma lei eclesiástica para não se submeterem aos bispos.

As relações entre os jesuítas são essencialmente hierárquicas, rigidamente disciplinares e autoritárias. Leva-se em consideração, inclusive, a obrigatoriedade determinada pelas Constituições de que os padres deveriam cortar laços definitivos com suas famílias antes de ingressarem ao noviciado. Sobre a postura de cada membro, citamos, como exemplo, duas regras¹² impostas pelas Constituições:

- A disciplina religiosa na Companhia pressupõe e forma homens – superiores e súditos – obedientes e cristãmente maduros. É obrigação dos Superiores procurar com diligência a vontade de Deus, recorrendo também à ajuda de outros para encontrar os meios eficazes e decidir o que se há de fazer, comunicando claramente a suas ordens.
- O principal dever dos Superiores é educar progressivamente os súditos, principalmente os mais jovens, no uso da liberdade responsável, de modo que se acostumem a observar o Instituto não por espírito e temor, mas por íntima convicção pessoal radicada na fé e caridade. Promovam, portanto, a disciplina religiosa com firmeza paternal, chamando a atenção dos que a descuidam ou violam e se necessário, os corrijam, mesmo que sejam antigos e beneméritos e inclusive Superiores, se não cumprem seu dever.

Com isso, cabe observar as relações de poder e produção de saber discutidas por Foucault (1988:35) “para exercer o poder é necessário formar, organizar e colocar em circulação um saber”. Por essa razão, a Companhia de Jesus está vinculada a um jogo de poder que se estrutura de forma hierárquica, difundindo discursos, instituindo sujeitos na modalidade do sagrado, em um mundo carregado de valores religiosos. Segundo Eliade (2012:34), o que deve se tornar nosso mundo deve ser criado previamente, e toda criação tem um modelo exemplar: a Criação do Universo por Deus.

¹² Seleccionamos duas regras, das quinhentas que compõem as *Constituições da Companhia de Jesus: anotadas pela Congregação Geral XXXIV e normas complementares*, exemplar de 1997.

Aporte teórico

Para tratarmos da questão de representações, neste trabalho, investigaremos a função/posição estético-formal engendrada na carta do Padre Luís Rodrigues, escrita em março de 1563, entendendo essa função/posição empenhada em consolidar uma relação axiológica com o herói e seu mundo.

A função/posição refere-se ao autor-criador, um ente recriado¹³ pela e na obra artística. O Padre Luís Rodrigues é, fora da obra, o autor-pessoa. Diferenciando-se do autor-criador que emerge de posições axiológicas constituídas por ele próprio e por um feixe relacional avaliativo que surge no fio do discurso, a voz do jesuíta é refratada social e esteticamente.

Nesse sentido, Bakhtin (1975,1997) afirma que a construção do eu está em contínua estruturação e reorganização, havendo sempre um outro que pode ser a relação eu/mim, implicada na própria identidade. Dito de outra forma, antes de o padre se expressar, há uma tensão valorativa amalgamada entre o eu e o mim, posta numa dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas.

Este deslocamento, eu/mim, é irrevogável pelo próprio processo de transposição semiótica: o jesuíta não somente conta uma história passivamente, mas recorta, propaga ideias, cria valores, caracterizando uma apropriação refratada.

Cabe-nos, ainda, enfatizar que o tema autor-criador e autor-pessoa está estritamente ligado ao estudo sobre representações. Para o Círculo Bakhtiniano (2003), o significado é um processo em constante (re) construção. A posição axiológica instituída em um todo artístico é uma voz na cadeia comunicativa, localizando-se num polo de tensão de outros discursos que se aglutinam e semiotizam o mundo. Dessa forma, o sentido só pode ser flagrado e recortado na fluidez discursiva. Discutir representações em Bakhtin (2003) é tematizar descontinuidades, rupturas e polos de tensão.

Estudar o projeto estético do autor criador em uma obra é debruçar-se em seu ângulo valorativo, analisando o modo e o uso da linguagem como mediadores do mundo retratado pelo autor-criador. Em outras palavras, a questão não é determinar se o que está escrito na carta do jesuíta é verdadeiro ou falso, mas estudar os acentos ideológicos em seu discurso.

Existe um aspecto relacionado à heteroglossia que deve, antes de mais nada, ser considerado e que está fundido na função/posição estético formal: o próprio autor-criador é

¹³ Usamos a palavra recriado, pois não há como determinar uma criação primeira quando se fala em signo. Este sempre parte de um antes entrelaçado com um depois. O signo é um devir, um tornar-se a ser.

constituído de linguagem, portanto um espaço polissêmico, produtivo. Nesse sentido, é correto afirmar que o ato estético cria e/ou mantém sistemas de valores.

A função/posição na carta do padre interage com um leitor presumido, independente do destinatário da carta¹⁴. Isso porque o empreendimento enunciativo do autor-criador, mantendo os índices sociais de valor, preserva e aguarda um leitor/jesuíta, com características próprias do europeu do século XVI, não havendo quebra de expectativas.

Para o Círculo, a recepção presumida dos discursos é tão parte da criação de sentido quanto o são sua produção e sua circulação: não há sentido fora da diferença, da arena, do confronto, da interação dialógica, assim como não há um discurso sem outros discursos, não há o eu sem o outro, nem o outro sem o eu (SOBRAL, 2009, p.39).

Sendo assim, a função/posição é constituída em relação contínua com o leitor/presumido e instituída na criação artística. Para o Círculo (2003), autor-criador e leitor são vistos como discurso e têm o mesmo estatuto, pois se constroem, mutuamente, um no discurso do outro: na carta, o destinatário, Padre Gonçalo Vaz, acolhe seus posicionamentos, assim como Luís Rodrigues se expressa em um determinado ângulo que favorece o acolhimento do outro, como veremos, mais adiante, na análise:

o locutor e interlocutor têm o mesmo peso porque toda enunciação é uma resposta, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis futuras, e ao mesmo tempo uma pergunta, uma interpelação a outras enunciações: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva mas como parceiro ativo (SOBRAL, 2009, p.33).

Importante frisar que a carta do padre, na perspectiva bakhtiniana (2009), não é vista como um documento histórico¹⁵, mas como uma unidade de sentido, implicando uma modalidade de organização estruturada e reestruturada por uma teia comunicativa complexa que se intersensibiliza. A carta do Padre Luis Rodrigues é, para os estudos bakhtinianos (1997), a transfiguração semiotizada e estética de uma dada realidade.

O ângulo valorativo do autor-criador organiza a materialidade verbal, sendo um conjunto de formações verbo axiológicas, não homogêneo, nem uniforme, que revela uma posição de autoria.

A materialidade verbal ou o texto é um palco onde se encenam inúmeras performances artísticas, sendo constituída por interrupções e quebras de unidade semântica.

¹⁴ Que, neste caso, é o padre Gonçalo Vaz.

¹⁵ Pois a expressão documento já institucionaliza um modo de expressão.

[...] o texto é uma produtividade, porque é o teatro do trabalho com a língua, que ele desconstrói e reconstrói. É significância porque é um espaço polissêmico, onde se entrecruzam vários sentidos possíveis[...] todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (FIORIN, 2006, p. 164).

O texto apresenta diferentes formas de apropriação avaliativa do mundo, sendo produto e processo de múltiplas relações: produto porque, como dissemos, é concretude; processo, por encontrarmos na produção, circulação e recepção o decurso ininterrupto da regulagem do sentido. A função/posição instalada pelo autor-criador é um ente permanente nesse processo.

Cabe-nos ressaltar que o extraverbal, o contexto, está no projeto enunciativo estético, pois aquele está absorvido por este. Dito de outra forma, os agentes organizadores do acontecimento estético (autor-criador/herói/ouvinte) compartilham um contexto que se remete, rechaça ou acolhe uma dada avaliação. Vale lembrar que a apropriação avaliativa ou o posicionamento axiológico não se referem a uma avaliação mostrada, mas constitutiva do próprio discurso.

Em qualquer obra estética ocorre uma transfiguração: a representação de um mundo dado, já retratado, ou seja, a consubstancialização do projeto enunciativo estético.

A transfiguração estética do mundo se distingue da transfiguração não estética no sentido de que apresenta, além de uma representação situada do mundo, uma representação dessa representação, ou seja, os agentes humanos em seu agir situado, num objeto estético, marcado pelo afastamento radical entre o autor e o herói: o autor, essa personagem de si mesmo, em relação com o ouvinte, é o agente organizador do acontecimento estético, e o herói é o objeto dessa atividade de organização, é quase outra pessoa (SOBRAL, 2009, p. 107).

O discurso estético cumpre o papel de apresentar infinitas funções/posições do autor-criador: expondo ideias, valores e crenças próprios da construção artística. A função/posição está relacionada com o projeto enunciativo do autor que molda e se deixa moldar por toda sua estrutura arquitetônica.

Para os estudos bakhtinianos (2003), a arquitetônica assegura o equilíbrio e a coerência do sentido de toda obra, pois envolve a organização da estrutura composicional: espaço, tempo e personagens. Como vimos, a posição/função engendrada na obra é refém da interdependência desses elementos de linguagem.

Vale ressaltar que, para Bakhtin (2001), o individual é entendido em termos de suas leituras e interpretações marxistas. Em outras palavras, o individual está em constante construção, sendo (re)formulado socialmente. No entanto, mesmo imerso no social, conserva-

se em um espaço incorruptível. O Círculo não nega a individualidade, o sujeito do mundo ou do discurso, pois este, considerado como posição valorativa, apreende o mundo de uma dada posição, caracterizando um lugar, um espaço, uma consciência. Essa ideia ancora-se na concepção de dialogismo ao organizar índices de representação. Nesse sentido, não há uma cisão entre o agir e o pensar, a vida e a arte; mas uma interconstituição: uma intercomposição refratada.

Importante enfatizar que o sujeito é um efeito de sentido da linguagem produzida. Longe de se enquadrar na concepção de assujeitamento, o sujeito localiza-se na heterogeneidade discursiva e nunca na homogeneidade. O autor tem a ilusão de ser o foco central do discurso e considerar o leitor como mero receptor. No entanto, ambos se autodelimitam, baseando-se um no outro. O texto só existe no ato da leitura; fora disso, é uma folha de papel. Tanto a função do autor como a do leitor constituem-se na atividade de leitura, na qual ambos vão preencher determinadas lacunas que tanto o contexto como o próprio texto fazem com que tomem suas posições de agentes.

Autor e leitor constroem-se em um processo interativo e configuram seus papéis de agentes pelas suas competências avaliativas, atualizando o ato enunciativo. Nesse passo, vale acrescentar que as estruturas sociais estão intrinsecamente ligadas à enunciação. Os papéis de autor e leitor pertencem à enunciação, não serão instituídos fora dela, são de essência intersubjetiva. Essa essência é a pluralidade dos outros¹⁶ inscrita no discurso, caracterizando seu funcionamento ininterrupto. Lembrando que esses outros não são necessariamente personagens, mas uma memória semântico social depositada na palavra.

Análise do *corpus*

Neste trabalho, como dissemos, utilizaremos como *corpus* a carta do jesuíta Luís Rodrigues enviada da Capitania de Ilhéus ao jesuíta Gonçalo Vaz em Portugal no dia 11 de março de 1563. Luís Rodrigues chegou de Lisboa, em julho de 1560, para trabalhar como missionário da Companhia de Jesus em Santa Cruz de Itaparica. Sua carta conta com seis páginas, trata de sua chegada ao Brasil Colônia, destacando suas difíceis condições de sobrevivência e seu incansável trabalho como missionário nos serviços de batismo.

¹⁶ Refere-se a múltiplas vozes no fio do discurso.

Vale ressaltar que entre 1550 e 1600, mais de setecentas cartas foram encaminhadas da colônia à metrópole portuguesa. O percurso das missivas levava em torno de dez meses, considerando o trajeto marítimo e terrestre.

Para análise, recorreremos à versão contida no livro *Cartas Jesuíticas II (1550-1568) – Cartas Avulsas Azpilcueta Navarro e outros*¹⁷. Tomemos o fragmento a seguir para analisar a posição/função do autor-criador engendrada na carta:

- 1- [...] no caminho me mordeu uma cobra tão grossa como o meu braço e não a vi até que me mordeu, a qual era das mais peçonhentas que há nesta terra, que era de cascavel, que nunca escapa nem-um que aquellas mordem. Tornei-me pera casa fazendo conta de aquella noite ir ver o nosso Creador e Senhor, muito contente e dava minha morte por bem aventurada. Tinha um Padre por companheiro que me servia de língua, despedi-me delle abraçando-o, e elle com muitas lagrimas, fazendo conta que já era morto, e assi dentro de três horas me tirou do sentido e foram tantas as dores que tive que me parece que até ali podem chegar. Fiz um mensageiro logo ao padre Luis da Grã e isto era à tarde e elle veio logo como lhe deram a nova, em toda pressa como bom pastor, mandando diante um Padre por a posta no Cavallo do Governador com olicorni e outros remédios que me fizeram. Estive unguido, sem esperança de viver e vinte dias me parece que não dormi seis horas que polas grandes dores que tinha em todo o corpo. Quis Nosso Senhor que escapasse; foi tido por milagre; queira o Senhor que seja pera sua maior gloria e honra.[...]

No exemplo 1, a figura discursiva do Padre Luís Rodrigues é construída em oposição ao humano, particularmente, no episódio em que se refere à mordida da cobra venenosa: “a qual era das mais peçonhentas que há nesta terra, que era de cascavel, que nunca escapa nem-um que aquellas mordem”. Ademais, o discurso jesuítico emerge nesse fragmento, ao transfigurar o Padre Luís Rodrigues a um soldado de Cristo¹⁸. O superior geral da ordem, cargo máximo na Companhia de Jesus, padres e noviços interagem discursivamente com Luís Rodrigues. O dizer do padre torna-se objeto do dizer de todo um grupo. Em outras palavras, há um coro de vozes concordantes que emerge na carta.

No entanto, esta voz, a do soldado de Cristo, de coragem sobre-humana é rechaçada por colonos, estrangeiros e comerciantes que não a acolhem, criando uma atmosfera

¹⁷ Para mais detalhes, consultar as referências bibliográficas neste trabalho.

¹⁸ Expressão usada pelos Superiores da Ordem aos Jesuítas.

multidiscursiva. Segundo Brait (2005, p.94), “a expressividade de um enunciado é sempre em menor ou maior grau uma resposta: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com outros”. De acordo com Faraco (2005, p.44), “o receptor imanente é a função estético-formal que permite transpor para o plano da obra manifestações do coro social de vozes”.

Portanto, observamos que a função/posição é (re) alimentada dentro de um horizonte avaliativo e recoberta por um índice de valor social e histórico, fixando, em um lapso, a função/posição de um sujeito social. Conforme já dito, nosso objetivo não é investigar se o que está escrito na carta é verdadeiro ou falso, mas demonstrarmos relações de sentido multidirecionais em nosso estudo que indicam a posição do autor.

Mais adiante, no mesmo exemplo, o autor-criador, mantém a mesma oposição ao humano: “tornei-me pera casa fazendo conta de aquella noite ir ver o nosso Creador e Senhor, muito contente e dava minha morte por bem aventurada”. Tem-se a instauração de um sujeito mitificado, a figura do servo sofredor – um homem divinamente inspirado que se constrói e fortalece, em torno do mestre ressuscitado: “e foram tantas as dores que tive que me parece que até ali podem chegar”.

Sua representação discursiva, desempenhada por uma dinâmica de múltiplas interrelações responsivas, figurativiza-o como um novo messias, um homem a serviço da caridade e do amor.

Delineia-se um repertório discursivo que se integra paulatinamente à identidade de um rei salvador, um representante de Cristo: “Estive ungido, sem esperança de viver e vinte dias me parece que não dormi seis horas que polas grandes dores que tinha em todo o corpo. Quis Nosso Senhor que escapasse; foi tido por milagre; queira o Senhor que seja pera sua maior gloria e honra”. Vejamos outros exemplos que confirmam nossas explicações:

- 2- [...] bautisei e instrui grande numero de gente, assí pequenos como adultos que logo morriam e se iam gozar de seu Creador; curava e sangrava os doentes: achava algumas vezes crianças para expirar que logo bautisava e morriam que houveram de perecer. Veja V.R. o gosto que sentiria em cobrar cousa que já ia perdida e certifico a V.R. que o que dá Nosso Senhor a sentir por meio destas obras não se póde escrever, porque é começar a gozar da gloria do Senhor [...]
- 3- Fui ao cabo deste tempo a ser vigário de uma nossa igreja de Indios em terra firme, seis léguas da cidade, onde fiz gran somma de christãos por vezes em extremo, muitos de 50, 60 annos e

outros mais e menos, fartos de comer carne humana que pediam só o bautismo com tanta instancia e fervor que era grande alegria, onde via aquelles que estavam predestinados na mente do Senhor como se convertiam e tão deveras, com ser esta uma gente bruta [...]

Há um repertório de símbolos religiosos próprios do século XVI que integra a figura do jesuíta e o faz, discursivamente, um homem de Deus. Portanto, Luís Rodrigues está, segundo a carta, efetivamente cumprindo seu papel de soldado de Cristo, designado pela Ordem.

Observamos que o enunciado “curava e sangrava os doentes”, estabelece diálogo com outros enunciados: a) E enviou-os a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos (Lucas 9:2); b) E, quando ouviu falar de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo (Lucas 7:3).

Nos exemplos 2 e 3: “bautisei e instrui grande numero de gente, assí pequenos como adultos que logo morriam e se iam gozar de seu Creador”[...] “que pediam só o bautismo com tanta instancia e fervor que era grande alegria”, nota-se também o contexto bíblico em diálogo constitutivo:

- a) E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar (Coríntios 10:2).
- b) Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo (Gálatas 3:27).
- c) E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus (Atos 19:5).
- d) Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado (Marcos 16:16).

Esses fragmentos exemplificam a posição axiológica que, como dissemos, nem sempre é mostrada, mas está incorporada ao próprio fio do discurso. Em outras palavras, não se explicita o contexto bíblico nos exemplos, mas ele se faz presente, dando sentido e organizando a função/posição engendrada na obra.

4-[...] Um homem honrado estava amancebado com uma mulher branca havia anno e meio e como lhe falei logo se apartou, dizendo que pera lhe esquecer e sahir de sua casa della, se queria ir á Bahia alguns dias. Com ter boa fazenda nesta capitania, se foi; e outros muitos casos, que por o tempo ser breve não me dá lugar; restituções se hão feito muitas e muito antigas; também em amidades está já toda esta capitania conforme, com estar muita gente com grandes inimidades. A gloria o Senhor de quem tudo procede [...].

O exemplo 4 justifica a importância do papel do jesuíta na Capitania. Parece-nos que o modelo de relacionamento estabelecido pelos índios fere os preceitos designados pelas escrituras sagradas. A posição do autor-criador busca justificar o trabalho jesuítico na região: sua posição como porta-voz de Deus na recuperação moral daquelas almas. A voz do jesuíta é a de um educador que objetiva redirecionar a moral dos índios e colonos para o modelo preestabelecido por sua ordem religiosa. Sendo assim, como dissemos, a atividade descritiva do jesuíta busca justificar seu trabalho missionário na Colônia.

Considerações finais

Analisar um documento cujas condições de produção, circulação e recepção ocorreram há quatrocentos e trinta anos requer, da parte do analista, um cuidadoso planejamento para uma estratégia de leitura.

Não pretendemos afirmar que o documento histórico é um *corpus* muito mais complexo que um atual e mais valorizado como estudo, mas que o acesso a sua situação extraverbal exige um rigoroso posicionamento *do lugar no presente* em que se realiza a pesquisa *do passado*. A posição axiológica do pesquisador deve estar clara sobre o verbal e o extraverbal, ambos implicados no *corpus*. Sem isso, não há como validá-lo.

Por meio de fragmentos da carta de Luís Rodrigues, demonstramos como a posição do autor deixa transparecer uma identidade cultural jesuítica do século XVI, observada no fio do discurso que se deixa escorrer pelo *corpus* desta pesquisa.

Referências

- ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. In: MELLO, L. (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa vol.1*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e estética - a teoria do romance*. Hucitec/UNESP, São Paulo, 1975.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B (org.). *Bakhtin e outros conceitos chave*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

COSTA, C. J. *A racionalidade jesuítica: civilização e organização*. In: VII Simpósio internacional processo civilizador. Piracicaba. História, Civilização e Educação, 2003.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

EISENBERG, J. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Belo Horizonte: Humanitas – UFMG, 2000.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e outros conceitos chave*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 1.ed. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir; história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1988.

NARRAVO, A. *Cartas jesuíticas II (1550-1568) – cartas avulsas*. São Paulo: Editora Itatiaia, 1988.

PEDRO, L. História da Companhia de Jesus no Brasil. Biografia de uma obra. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

COLONIAL BRAZIL: A STUDY ON REPRESENTATIONS IN THE LETTER OF PRIEST LUÍS RODRIGUES

ABSTRACT

This article analyzes the letter of Jesuit Luís Rodrigues written in March of 1563 in the Captaincy of Ilhéus and addressed to the provincial of Portugal Gonçalo Vaz, both members of the Society of Jesus: religious order of ideological political and military character.. We will observe how values emerge from the letter that justify its presence in the recovery of the souls of that village and how it reinforces its model of conduct to be followed by a pagan people without spiritual direction. We will also investigate the function / position of the author and his representation that involves the Christian imagery of the sixteenth century. For this, we will use the works of the Bakhtinian Circle (1975, 1997, 2001, 2003) as support for analysis.

Keywords: Bakhtin. Jesuit. Author.